

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 139	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 32
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	4 entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	1 DE NOVEMBRO 1882	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-	-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-		

BELLAS-ARTES



ADONIS E O JAVALI — Esculptura de Antonio Manuel da Fonseca, pertencente a S. M. El-Rei D. Fernando (Segundo uma photographia)



120

SUMMARIO

TEXTO — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Antonio Rodrigues Sampaio, EDUARDO COELHO — De como tive um D. Manuel de presente, JULIO CESAR MACHADO — As NOBRES Gravuras — O Theatro da Rua dos Condes, MAXIMILIANO D'AZEVEDO — Successos do Egypto, R. — Caminho de Ferro da Beira, J. B. — João B. plista Schiapa de Azevedo, RUIRO REBELLO — Ephemerides Artistico-Litterarias, SILVA PEREIRA — Publicações.

GRAVURAS — Adonis e o Javali — Arab' Pachá e Tulba-Pachá, prestioneiros no quartel de Abbassyhe — Ponte de pedra do Noemi, Estação de Mortagua, Tunnel — Grande Salgueiral, Estação de Villar Formoso, Estação de Gouveia, Ponte de Coval, Ponte metalica de Noemi, Ponte da Canharda, no caminho de ferro da Beira Alta — O Novo Cometa — Enygma.

CHRONICA OCCIDENTAL

As senhoras assassinas que nas ultimas chronicas nos deram tanto que fazer, deixam-nos hoje um bocadinho de folga.

Agradecemos-lhes em nome das vidas, que ellas pouparam, e dos assumptos, que ha muito temos notado na nossa carteira á espera de um pedaço d'espaco, n'estas columnas que tem sido pequenas para a parte de policia e revista dos espectaculos.

Estes, os espectaculos, tambem hoje nos fizeram a fineza de nos permittirem liquidar as contas atrazadas. O *Macbeth* que S. Carlos nos deu não vale que se gaste com elle tinta, papel e tempo, o tenor Gayarre, que todos os dias *debuta* no dia seguinte, e que no dia seguinte, não *debuta* nunca, propõe-se a substituir na rhetorica portugueza a já tão cançada espada de Damocles: o Colyseu dos Recreios deu-nos é verdade um espectáculo novo, os cavallinhos, mas esse espectáculo novo, é tudo o que ha de mais velho, palhaços sem graça, cavallos com ella, homens que dão saltos, mulheres que furam arcos de papel, tudo, mais pirueta menos pirueta, o mesmo que todos os annos. A única novidade theatral mais importante d'estes dez dias foi-nos fornecida pelo theatro do Gymnasio — uma novidade que foram ao mesmo tempo tres: — a estreia como traductor theatral d'um jornalista de muito talento e aptidão, o sr. Abreu Marques, — beneficio d'um actor que tem muitas sympathias no publico e lugar distincto no theatro portuguez: — o sr. Polla, e a reaparição d'uma actriz que teve na nossa scena um momento de gloria e de justa nomeada — a actriz Emilia Adelaide.

Abreu Marques afirmou os seus creditos de escriptor distincto na peça de Dumas filho, traduzida para o Gymnasio, a *Diana de Lys*; o sr. Polla teve do publico o acolhimento festivo que distinguem todos os seus beneficios; a actriz Emilia Adelaide, foi recebida com jubilo pelos lisboetas que ainda não se tinham esquecido da actriz notavel da *Fernanda* e da *Morgadinha*.

Registamos com prazer estes tres factos, que facilmente se previam, e passamos á liquidação dos assumptos de ha muito notados na nossa carteira. N'um d'elles anda envolvida a honra do nosso paiz. É o monumento a Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil, o ousado navegador que juntou á ousadia do explorador de *mares nunca d'antes navegados*, a prudencia, e bonhomia, que nem sempre foram o caracteristico dos descobridores hespanhoes, e que é uma honra e uma gloria para a historia das conquistas dos portuguezes.

O nosso seculo tem sido um seculo de gratidão e de justiça. As grandes dividas ha tanto tempo em aberto pela indiferença criminosa da patria, teem-n'as os portuguezes do seculo XIX, pago pouco a pouco.

Agora chegou a vez de saldarmos as nossas contas de reconhecimento para com o grande descobridor do Brazil, o amigo intimo do immortal Vasco da Gama. No dia 6 d'agosto passado deram-se em Santarem, na terra que tem a honra de possuir os restos mortaes do illustre portuguez, os primeiros passos para o pagamento d'essa divida.

Todas as auctoridades locais, e a grande commissão que tomou sobre si o encargo de desempenhar o paiz d'esta divida sagrada, foram n'esse dia ao Templo de Nossa Senhora da Graça, verificar a existencia dos ossos do grande navegador, que se presumia estarem ali sepultados.

Efectivamente, aberta a campa existente na capella do cruzeiro, que está ao lado esquerdo

da capella mór do templo, campa que tem em caracteres gothicos a seguinte legenda:

«Aqui jaz pedral varez cabral e dona Izabel de castro sua mulher cuja he esta capella he de todos seos erdeyros aquall depois da morte de seu mary do foy camareyra mór da Ifanta dona marya fyllha del rey dô João noso snor ho terceyro d'este nome,» encontraram-se tres ossadas, que os peritos declararam não se poder verificar qual d'ellas pertence ao grande navegador, mas que, pela grande vetustez, parecem dar a certeza moral de que effectivamente uma d'ellas será a do nosso illustre concidadão.

Em seguida a esta cerimonia, de que se lavrou o competente auto, a commissão iniciadora da grande homenagem nacional á memoria gloriosa de Pedro Alvares Cabral, abriu subscrição publica para se erigir um monumento grandioso ao grande homem, e digno dos altos feitos que Portugal lhe deve. A subscrição está aberta, e nós, tendo o dever estricto de registrar aqui esse facto notavel da nossa historia d'hoje, temos tambem o dever moral de concorrer, tanto quanto nos é possivel, para a publicidade d'essa subscrição, para que todos os portuguezes concorram para este solemne pagamento da grande divida que Portugal tem em aberto para com o seu illustre filho, e para estas glorificações sarcatissimas dos grandes heroes do passado.

Os outros assumptos notados nos nossos apontamentos são dois, e muito parecidos um com o outro: o apparecimento d'um livro de versos, notavel, e d'uma poesia pequena, que só por si vale um poema: — o livro de versos é de Christovam Ayres, *Novos Horisontes*, e a poesia é de Francisco Palha, publicada no *Diario Illustrado*, a *Dona Morte*.

Christovam Ayres é um dos poetas mais brilhantes e mais convictos da moderna geração litteraria.

Alma ardente e entusiasta de Indio, cheia de ingenuidades infantis e extranhas, talento robusto e reflectido, espirito illustrado pelo estudo constante de todos os dias, Christovam Ayres traz para a poesia moderna as vibrações da sua alma, boa e illuminada, a nota viril da sua educação scientifica, e ao mesmo tempo a sentimentalidade delicada, suave e sancta, do seu grande amor de pae.

Nos *Novos Horisontes*, do mesmo modo que nas *Indianas*, que os precederam, a individualidade sympathica e original de Christovam Ayres, accentua-se brilhantemente nas poesias em que são protagonistas essas adoraveis creanças, que são o encanto da sua vida, encanto tão forte, tão grande, que se comunica a esses versos repassados de sentimento e de verdade, e que são a gloria do poeta.

É são a gloria do poeta, porque é necessario ter um grande talento, ser poeta deveras, para poder trazer para o livro, que corre todas as mãos indifferentes, a nota individual dos santos affectos intimos, sem que o effeito falhe, sem que o que faz pulsar o coração, faça sorrir ligeiramente os labios d'extranhos, sem que a sentimentalidade pessoal traga consigo a pieguice litteraria, o escolho de toda a litteratura pessoal.

Nos versos intimos de Christovam Ayres, ha commoção contagiosa: sente-se, ao lél-os, o que o poeta sentiu, escrevendo-os: é um pae que os fez, mas é tambem um poeta: n'esses versos ha coração, mas ha tambem talento; é a alliança d'estas duas qualidades, tão rara na poesia moderna, que faz o encanto extranho e original dos versos de Christovam Ayres.

— Francisco Palha, o outro poeta de quem temos que fallar, é a organização litteraria mais extraordinaria que conhecemos.

É um classico d'hoje um purista severo que traduz Meilhac e Halévy e que prova, practicamente, que na lingua portugueza ha a graça, a *verve*, o espirito, de palavra e de construcção necessarios para reproduzir sem gallicismos nem modos de dizer francezes tudo o que ha de mais scintillante, de endiabrado, de vertiginoso no estylo extravagante dos ditos do boulevard.

Francisco Palha tem como escriptor um caracter duplo, d'uma duplicidade em que ninguém acreditaria antes de o lér: pela pureza vernacula da linguagem é um antigo, pelas scintillações extraordinarias do seu espirito, é um moderno.

Os seus artigos de polemica são obras primas, unicas na nossa lingua.

Ninguém se metteu ainda com elle até hoje, que levasse a melhor. N'uma phrase Francisco Palha derrota completamente o adversario e expõe-o para todo o sempre ás gargalhadas da troça com uma d'essas ironias terriveis ou epigrammas sangrentos que são como que um guizo que já-mais se calla.

O seu humorismo é profundamente original, é

seu, tem um cunho individual inimitavel. Não ha nada parecido com elle na nossa litteratura nem na litteraturas estrangeiras.

São chicotadas temiveis vibradas com uma bonhomia alegre, que faz rir mesmo aquelles a quem deixa a escorrer em sangue.

Na poesia Francisco Palha tem ainda a mesma individualidade possante, radiosa e original.

Os seus versos não se confundem com mais nenhuns. Teem um alto tom litterario, um bom humor inexcédível, ás vezes uma melancolia estranha, uma philosophia bonacheirona mas profunda, que os destacam de toda a poesia moderna. E apesar d'isso o seu talento e os seus versos são modernos por excellencia, teem a eterna mocidade do talento, a frescura d'uma espontaneidade uberrima e sadia.

É por isso que uma poesia de Francisco Palha vale um poema, e que um pequeno folhetim em verso, a *Dona Morte*, fez em Lisboa mais sensação que volumosos livros de poesia, e collocou Francisco Palha, já consagrado como um dos prosadores mais notaveis de Portugal e um dos poetas mais engraçados da geração de hontem, entre os poetas mais brilhantes e os humoristas mais extraordinarios da geração d'hoje.

O grande poeta tem quasi concluido um poema completo, a *Estatua*, de que já ouvimos grande parte: em esse poema apparecendo á luz publica, Francisco Palha terá registado a sua passagem pelas letras portuguezas como uma verdadeira obra prima, e Portugal terá mais um bello monumento litterario.

Que venha quanto antes que a litteratura precisa-o bem.

Gervasio Lobato.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

(Continuado do numero antecedente)

Os seus artigos são sempre rapidos e insinuantes. As vezes pelo recorte da phrase e a seriedade dos conceitos, parecem folhetins politicos. O commentario picaresco é o sainete comico obrigado das mais profundas reflexões; é o golpe de graça do adversario ou da situação que combate. N'uma só phrase, iconoclasta implacavel, prostra um grupo de idolos. De um só golpe esmaga uma situação. Não se illaqueia em dogmatismos. Conhece um só dogma — a justiça. A sua penna molha-se, como por descuido no fel da allusão pessoal, quando moralmente o magoam, ou ferem afrontosamente a verdade e o desconsideram. Na imprensa quem lh'as fez pagou-lh'as. Um homem do povo muito espirituoso comparava-o a um celebre cocheiro dos omnibus de Cintra, que durante as viagens ia sempre brincando com o chicote, e, ás vezes, quasi sem dar por isso, deitava a terra, de cambulhada, os gatos e os galos que estavam por cima dos telhados. Brincava com o chicote, mas fazia doer. Tinha phrases que apertavam como torquez. As suas horas de maior contentamento eram aquellas em que tinha de responder a muitos jornaes ao mesmo tempo: Vamos cá a entreter com estes meus rapazes! — A *velha matrona da Bica* não se zanga com as pedradas da rapaziada. A sua memoria prodigiosa, fornecia-lhe sempre a proposito a citação latina, hespanhola, franceza ou portugueza. N'um só artigo, escripto á ultima hora, vimos-lhe satyrisar um pretencioso, com versos latinos de Phedro, francezes de Boileau, e castelhanos de Lope de Vega. Pedindo-lhe um versajador atrapalhado, quando elle escrevia a critica de uma sessão parlamentar importante, algumas consoantes em *ule*, forneceu-lhe em seguida oito ou dez, e no dia immediato trouxe-lhe novo contingente, dizendo alegre:

— Tome lá! Quando me deitei puz-me a pensar, e achei estas ás duas horas da noite.

Era adoravel de simplicidade. O escriptorio da *Revolução de Setembro*, onde elle, conselheiro, ministro, presidente do conselho, até, nunca deixou de ir, e onde, simples jornalista, costumava trabalhar, é uma pequena casa de 4 1/2 metros de comprido por talvez 3 1/2 de largo, com entrada pela casa da composição, de paredes negras, sómente rebocadas, com uma banca de pinho, forrada por cima de papel de impressão, 4 cadeiras de palhinha, e um cavalleto com duas caixas typographicas. Eis o santuario do venerando sacerdote da imprensa.

Era para todos uma alegria quando se ouvia o Coutinho bradar:

— Lá vem o *Padre Mestre*.

Todos o amavam allí. Ninguém como elle respeitava a independencia de todos os collobora-

dores do jornal. Nunca lhes fazia a menor imposição. Ao proprio noticiarista deixava livre nos seus dominios. Publicações que lhe pediam com interesse para a *chronica* enviava-as, no meu tempo: — «Ao ministro secretario dos negocios noticiarios, e encomiasticos, para fazer o que entender!»

As 8 horas da noite era sempre certo a rever as provas dos artigos que mandára de dia e a escrever o artigo de fundo, e os *entrefilets* da ultima hora.

O silencio estabelecia-se-lhe á roda, na occasião para elle solemne, da revisão das suas provas. Se era interrompido pelo cochichar dos compositores do jornal, largava a penna assustado, e dizia baixinho, revelando a sua impressão:

— Estou a tremer: elles consultam-se? Se me veem perguntar alguma coisa, sou capaz de não entender o que escrevi.

Poucas vezes o consultavam. O conclave resolvevia pelos processos de indução paleographica: palavra começada pela syllaba *go*, seguida de reticencias, queria dizer *governo*; *ho* com larga cauda, era *homem*.

Já n'outra parte foi referido como um cavalheiro de industria, que o importunava á hora das provas, lhe extorquiu a ultima libra e meia que elle tinha na sua pequena bolsa de prata para ás despesas do resto do mez.

— Tome lá, e deixe-me, dissera Sampaio despejando a bolsa sobre a mesa; o senhor é um grande maroto!

O cavalheiro retirara-se embolsando o dinheiro e resmungando... — Falta de cavalheirismo, falta de cavalheirismo.

Sampaio, reprimindo um impeto do seu genio, vulcão adormecido, que rebentava só em explosões de raiva contra alguma grande prepotencia, mas levava com paciencia as pequenas misérias da vida, ficou muito vermelho, de chapéo inclinado para traz, signal infallivel de zanga maxima, acabou de rever as provas, e depois, examinando as ruinas da catastrophe financeira, disse quasi resignado:

— E aquelle maroto só me deixou cinco tostões?! Estou servido pelo resto do mez. Espere-me a bancarrota.

Uma vez, sendo ministro do reino, disse a um amigo particular:

— Foi preciso andar de correio atraz para não ter com que pagar ao senhorio. O luxo da carruagem, do correio e do chapéo armado, e os cumprimentos e parabens, até me absorvem a renda da casa. Tomára já que o ministerio caísse.

O seu coração como repositório de muitas virtudes civicas era capaz de grandes affectos individuaes. Afeiçãoava-se a todos os moços estudiosos, que julgasse honestos; como por si era grato ás finezas que lhe fizessem, acreditava em muitas amizades que o falsearam.

Entre as vozes do côro glorificador que vibram ao redor da campa do decano do jornalismo não sobresahi só a voz do mundo official e politico, saudando o estadista honrado, e o publicista leal e benemerito, a imprensa dobrando o joelho ante o mestre e o amigo, a escola popular, e ainda mal, em limitado numero, agradecendo áquelle que tanto a amou; o municipio chorando o mais dedicado propugnador das franquias populares e da descentralisação administrativa, aquelle que durante mezes esteve assiduamente despachando papeis de camaras municipaes, accumulados de 10 ou 12 annos, sem despacho, na secretaria, e que em cada resolução dava uma util lição de direito administrativo, e de autonomia municipal; veiu tambem a voz da associação, vieram os ultimos honrados legionarios das primeiras lides associativas, veiu uma voz digna e verdadeira, em nome do povo, meio esquecido d'elle, pregoar os seus grandes feitos desinteressados ás corporações operarias, que lhes abriu o caminho da consideração social, que lhes negavam e que pediu para ellas os foros civicos a que tinham jus. O antigo secretario do centro promotor, de que elle foi presidente, A. J. d'Oliveira veiu: «patentear... quanto... Sampaio... se esforçou para a creação d'essas instituições populares, sua sustentação, e sobretudo sua conservação fóra da acção da politica militante...»

(Continúa).

Eduardo Coelho.

DE COMO TIVE UM D. MANUEL DE PRESENTE

Havendo levado de Milão uma carta do *librettista* Piave recommendando-me ao sr. Nicolo Barrozzì, secretario do museu Carrer, em Ve-

neza, procurava amiudadas vezes este cavalheiro, e tive a honra de travar com elle certa familiaridade.

Era o sr. Barrozzì n'essa epoca. — 1866 — homem de trinta e tantos annos, pallido, achacoso, temperando com a doçura da voz a tristeza veneziana que dominava os animos por aquelle tempo, e revelando não ser do commum por nascimento ou gradação.

Entretinhamos-nos, entretinha-me elle — conversando de uma coisa e de outra, agradavelmente, despreoccupadamente, excepto se, de alguma vez, uma nuvem de melancolia assombrea subitamente a sua phisionomia e o seu espirito, ao encontrar com a vista os soberbos palacios de marmore em que haviam morado os Foscarini ou os Bembi dos tempos grandes e livres da republica, e onde elle avistasse, por alguma janella aberta, o uniforme austriaco...

São compridos, quando chove, os dias em Veneza; e aconteceu chover por esta occasião —; fantastica inutilidade, chover, em Veneza! chover... no mar! Fez isso com que eu procurasse, ainda mais a meudo, o secretario do museu Carrer; e, de algumas vezes, me fez o favor de vir encontrar-se commigo, ás noites, no Caffé Florian, da Praça de S. Marcos, o botequim mais franco do mundo, botequim sem portas, e que, durante toda a noite, se conserva aberto. Com o tornarem-se as conversações mais frequentes, principiámos a fallar de duzentas coisas; da guerra que se preparava, da cruel sujeição em que se achavam os venezianos, de estarem tendo os austriacos os empregos todos, de ser rarissimo ver um filho de Veneza á frente de alguma administração, e isso ainda assim, quando se desse, servindo de graça; que os juizes eram estrangeiros, nada conheciam dos costumes do paiz, e nem sequer sabiam italiano: que o irmão de Piave, do *librettista* que me recommendára a elle, — estava prezo havia uns poucos de annos, que a mãe morrera ao levarem-lhe o filho; e que só havia esperança de que a guerra o salvasse, como a todos os venezianos, para que o pobre homem não tivesse de apodrecer na prisão... Assim discorriamos tomando um gelado, ou fumando um charuto; depois seguimos pelas arcadas de S. Marcos, mettiamos-nos pelo silencio da cidade, — aquelle incomparavel silencio de Veneza, sem nenhum rumor de carruagens ou cavallos — (trepo um inglez para cima de um dos de S. Marcos, tendo preceito do medico para dar passeios de equitação, por vér que não havia, em Veneza, cavallos, senão aquelles)... De manhã depois de me regalar em jejum com o admirar dois ou tres quadros do palacio ducal, almoçava, accendia um charuto, sentia a necessidade de conversar com o Barrozzì, e ia até ao museu Carrer procural-o, fazendo um recreio d'aquella passeata, por não andar sempre mettido em gondolas e porque me fosse agradável cortar pelo mercado do Rialto, que fazia caminho para o museu, e, batendo bem com os pés nos lagedos, gloriar-me de que o homem fosse em Veneza o unico animal que andasse pela rua.

Uma vez lá, via o que elle fizesse gosto em me mostrar, respondia ao que elle fizesse gosto de me dizer, e escutava ou lia o que elle fizesse gosto que eu lesse, ou mostrasse desejo de que lhe ouvisse fazer leitura; coisas boas, excellentes coisas sempre: é possivel que, alguma rara vez, — deverei dizel-o? — um quasi nada, ao longe, enfadonhas, para mim, que abria de melhor gosto os olhos para alguma *barca corriera*, que levasse um rancho de mulheres bonitas, do que para invejaveis armarios que obstinados antiquarios houvessem enchido de preciosidades... Por decencia, todavia, não só prestava áquelle cavalheiro uma attenção, que, mereço do seu talento, sempre acabei por considerar bem empregada, mas, de uma occasião, balbuciei timidamente, por honrar no seu conceito os meus desvellos de homem de letras e não lhe deixar a meu respeito uma impressão por extremo futil, tanto mais que n'aquelle momento andavamos visitando os archivos:

— Não sei resistir ao empenho de lhe pedir, meu caro sr. Barrozzì, para catarmos isto um dia e outro com attenção, a vér se damos com algum achado que tenha referencia a Portugal...

Brilharam-lhe os olhos docemente, contente de me ouvir aquillo; e estendendo-me a mão:

— Pensára já n'isso mesmo! disse-me. Reservava-lhe essa surpresa, como singela offerta, como lembrança.

— Ha então um achado?!

— Ha. Venha amanhã á mesma hora, daremos a manhã toda ao presente que lhe reservo. Tenho um D. Emmanuel para si!

— Um Dom Emmanuel!

— Sim: curiosissimo! Valioso! Um Dom Emmanuel de 1700!

— E' possivel!?!

E porque a pallidez que se leu, talvez, no meu rosto, á idéa de que todo o dia immediato — um dia de *Venezia la bella!* — tivesse de ser abafado nos archivos, — se apresentasse aos olhos do digno erudito como nuncio da commoção jubilosa com que tal noticia me agitara, elle abriu-me os braços com o enternecimento especial do sabio, — ternura que eu não conhecia: — Deite-se hoje cedo! É melhor prescindirmos esta noite do charuto e do sorbetti no Florian. Até amanhã, meu estudioso amigo, — para trabalharmos com affinco!

(Continúa)

Julio Cesar Machado.

AS NOSSAS GRAVURAS

ADONIS E O JAVALI

Esculptura de Antonio Manuel da Fonseca pertencente a S. M. El-rei D. Fernando

O bello grupo de Adonis e o Javali, que a nossa gravura representa, foi feito ha mais de vinte annos pelo excellentes artista Manuel Antonio da Fonseca, pae do distincto pintor Fonseca director da Real Academia de Bellas Artes artista que ainda hoje com uma actividade e uma robustez pouco vulgares, trabalha todos os dias com o vigor e o entusiasmo d'um rapaz, tendo já mais de 86 annos d'idade.

É um facto novo e excepcional no mundo artistico esta actividade enorme, que oitenta e seis annos de trabalho não conseguiram ainda cançar.

O grupo de *Adonis e o Javali*, feito por Fonseca já depois dos 60 annos, na idade em que muitos descansam, figurou em varias exposições estrangeiras e foi comprado por el-rei D. Fernando, que o mandou fundir em bronze, em Paris.

O sr. Fonseca, o decano dos artistas portuguezes, estudou pintura e esculptura em Italia.

O NOVO COMETA

Já por mais de uma vez nos temos occupado n'este periodico dos differentes cometas que tem apparecido no nosso ceu, n'estes ultimos annos, e a paginas 197, 198 e 206 do 4.º vol. se disse resumidamente o que havia de importante sobre estes astros, desde os tempos mais antigos, ou desde que elles entraram no dominio da sciencia.

Ao notavel cometa de 1881 seguiu-se agora o de 1882 não menos notavel pela sua grandeza e brilho, e se o apparecimento d'estes phenomenos celestes se fór repetindo com equal frequencia, d'entro em pouco perderão a sua importancia, e a credence dos povos deixará de os olhar como pronuncios de grandes catastrophes, a não ser que essa credence leve os povos a considerarem-se em catastrophe permanente.

A sciencia entretanto vae tratando de explicar o apparecimento d'estes cometas, determinando-lhe a velocidade da sua marcha e as epocas da sua visibilidade para o orbe terrestre, e portanto, fazendo reconhecer n'estes phenomenos nada mais que a ordem regular do movimento celeste.

O actual cometa, que tem sido visivel no nosso ceu na segunda quinzena de setembro, foi descoberto primeiro no Rio de Janeiro pelo sr. Cruls director do Observatorio d'aquella cidade, o qual communicou telegraphicamente este apparecimento ao observatorio particular do Conde de Crawford na Escocia.

O Conde de Crawford participou immediatamente este acontecimento, para a maior parte dos observatorios da Europa, por meio de um serviço especial telegraphico e postal, que lhe permite o transmittir estas novidades com a maior rapidez, e com todos os promenores que possam interessar.

Os observatorios de Vienna, Greenwich, Roma, Niza e Marselha, consta que se tem occupado detidamente na observação d'este corpo celeste, e espera-se que o resultado d'essas observações determinem um grande progresso no conhecimento d'estes phenomenos, explicando a sua composição.

Do aspecto d'este cometa, visto com o auxilio do telescopio, dá idéia a nossa gravura bem como do espectro do mesmo no cambiante das côres.

O seu nucleo é extremamente luminoso e o comprimento da cauda é avaliado em 5:000 kilometros sobre uma largura de 800 kilometros.

O THEATRO

DA

RUA DOS CONDES

(Cont. do n.º 136)

¶ Diz-nos também aquelle documento que na Rua dos Condes havia comicos portuguezes, que alternavam talvez as suas representações com as dos Italianos, mas que não eram cantores, como o já mencionado A. J. Silva, por quanto não figuram na distribuição das operas.

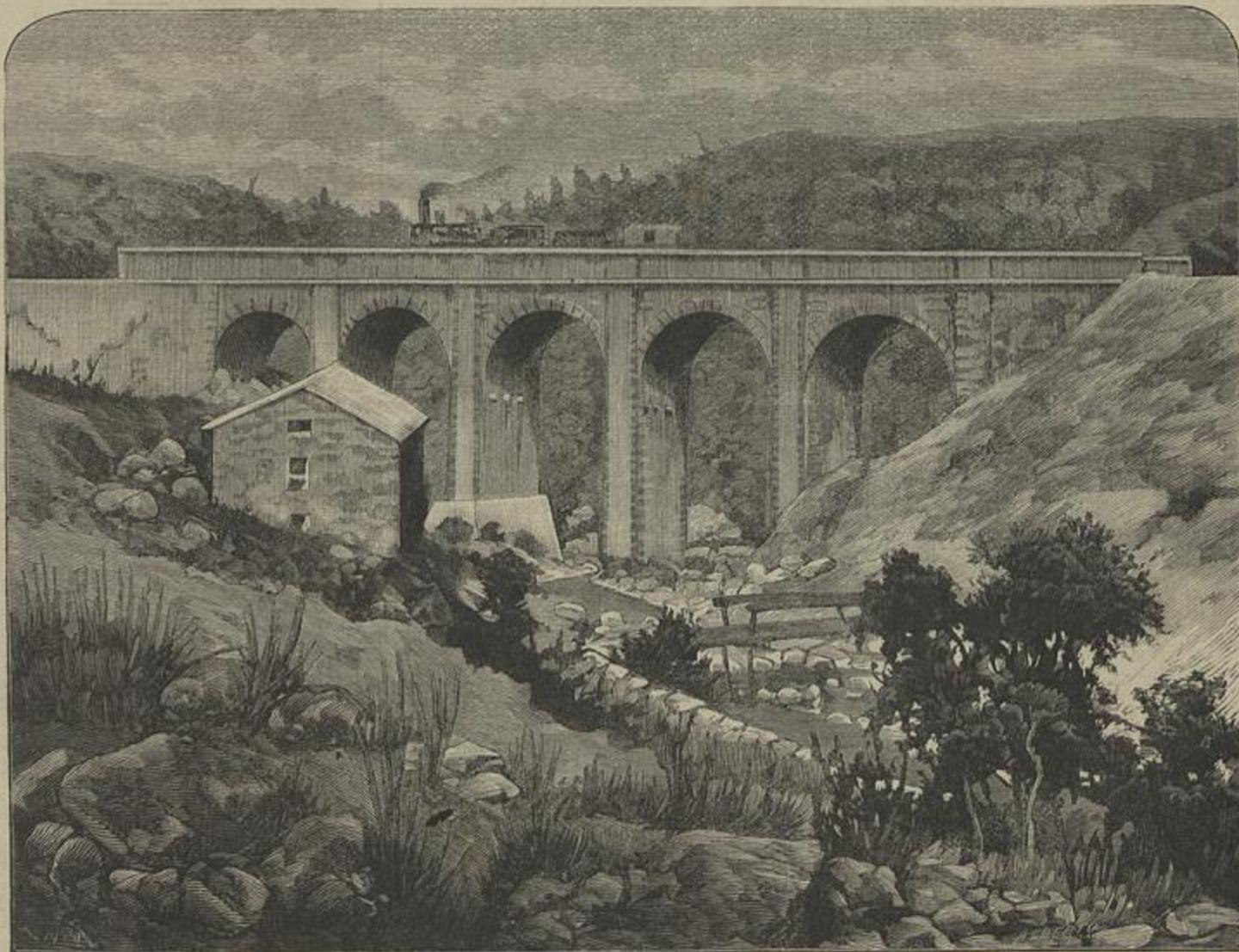
Os artistas italianos estiveram ali até 1792. N'este mesmo anno passou o theatro da Rua dos Condes a ser theatro nacional, como diz Pina Manique para José de Seabra da Silva, informando a supplica dos actores do Salitre, em 30 de setembro, n'um officio que aproveitou agora mais uma vez. — «É bem manifesto que actualmente se não acham



SUCCESSOS DO EGYPTO — ARABI-PACHÁ E TULBA-PACHÁ, PRISIONEIRO NO QUARTEL DE ABÁSSIEH

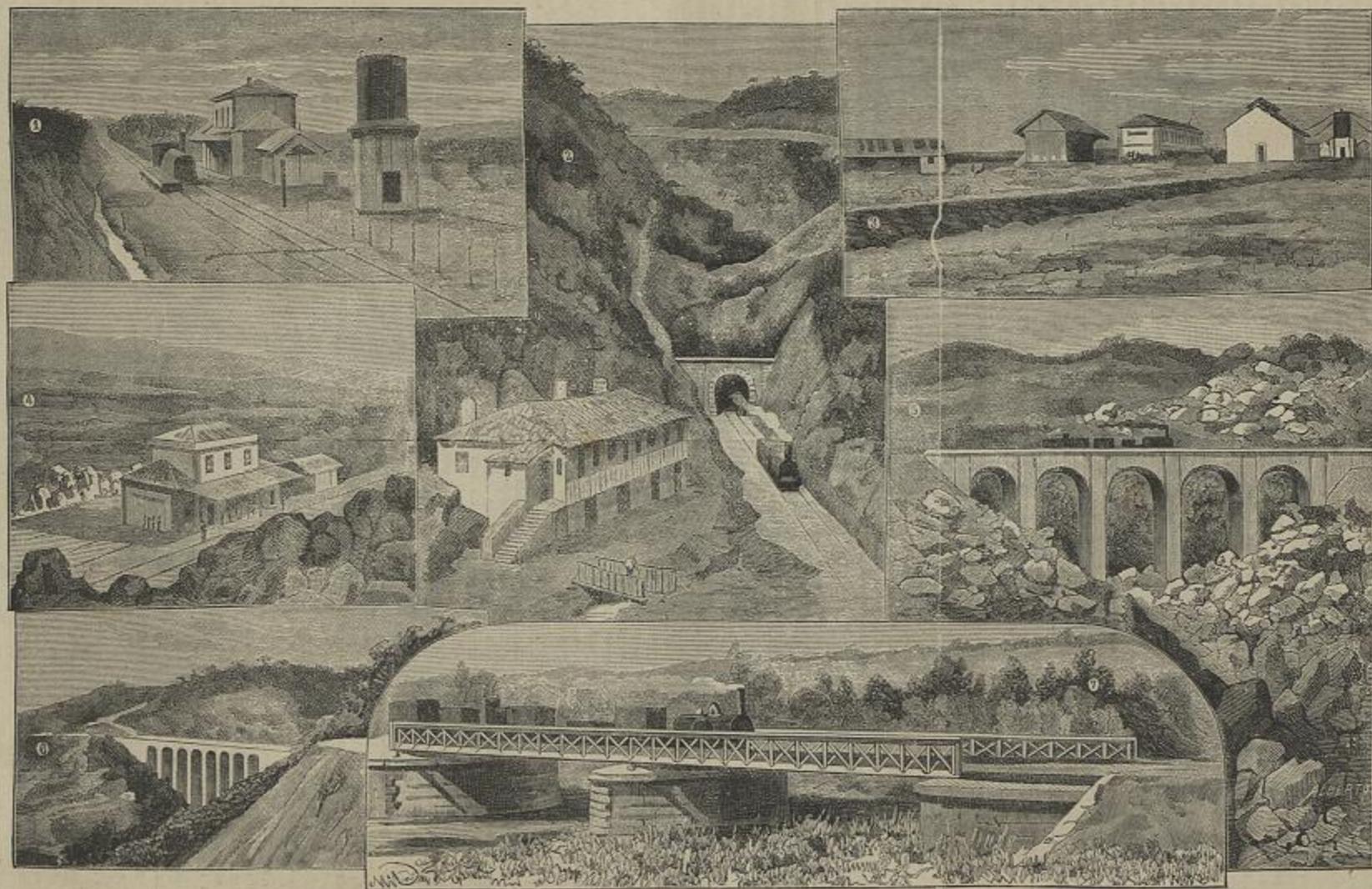
n'esta corte todos os comicos que havia quando trabalhavam os dois theatros nacionaes, porque uns foram para Hespanha, outros saíram para as colonias, e outros se inhabilitaram por molestias que lhes sobrevieram, e hoje ha um pequeno numero, que ajustou o empresario unico que se facilitou para encarregar-se de tomar actualmente a si o theatro nacional, e lhe nomeei o theatro da Rua dos Condes pelos motivos * que exporei a V. Ex.ª, e ordenei ao mesmo empresario que escripturasse os comicos e dançarinos constantes de uma relação, que lhe entreguei e que me haviam dado os comicos João Anacleto e José Felix, dos que eram mais habeis, que

* São os descriptos a pag. 181 e 182 d'este periodico.



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — PONTE DE PEDRA DO NOEMI, NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA-ALTA

Segundo uma photographia de E. Biel



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — 1 Estação de Mortagua — 2 Tunnel «Grande Salgueiral» — 3 Estação de Villar Formoso
 — 4 Estação de Gouveia — 5 Ponte de Coval — 6 Ponte metallica do Noemi — 7 Ponte da Canhanda,
 no Caminho de Ferro da Beira Alta (segundo photographias de R. Biel)

existiam ainda em Lisboa e dos quaes se podia formar uma companhia, que fosse tal qual para se apresentar ao publico, e nomeei inspector do theatro o juiz do crime do bairro do Mocambo...»

A abertura do theatro da Rua dos Condes fez-se n'aquelle anno com o *Auspicio feliz*, drama allegorico por José Paulo Henriques de Campos.

A 21 de junho de 1793 dizia o intendente geral de policia ao ministro do reino que deveria mandar-se tropa regular para os theatros, ficando obrigado o official commandante da força a auxiliar o inspector da casa de espectáculo, para se manter a ordem, e terminar toda a «conversação, ruído ou quaesquer desordens, que perturbem a representação ou ataquem a qualquer dos espectadores.»

«Resta-me agora só, diz no fim Pina Manique, rogar a S. A. queira dignar-se permittir a licença de se denominar o theatro da Princeza do Brazil com o titulo de S. Carlos, e que o mesmo Senhor quizesse honral-o, vindo assistir no dia que o dito Senhor assignar para a sua abertura, o que os seus vassallos esperam ansiosamente, em satisfação do prazer e disvelo com que a policia emprehendeu a dita obra para ornamento d'esta famosa capital e do mais que é presente a S. A.

O theatro de S. Carlos foi inaugurado no dia 30 d'aquelle mez.

A rua dos Condes continuou a ser theatro nacional, como já era em 1792, segundo se disse anteriormente.

Conta o sr. Theophilo Braga, a pag. 45 da sua *Historia do Theatro Portuguez*, que tendo o actor Antonio José de Paula regressado do Rio de Janeiro em 1793 ou 1794, com algumas sommas que lá arranjara, tomou conta do Salitre, escripturando varios artistas que recrutou na Rua dos Condes, e outros que tinham vindo com elle do Brazil. Acrescenta que Antonio José de Paula teve a empresa do Salitre até 1804.

Ha n'isto um equívoco, pois em 1800 não era A. de Paula emprehendedor do Salitre, mas sim da Rua dos Condes, tanto que n'esta qualidade requereu ao príncipe regente que desse ordem á Intendencia Geral de Policia para consentir que duas mulheres, Leocadia Maria Serra e Anna Isabel, tomassem parte nas representações do seu theatro.

O príncipe D. João, mal teve conhecimento da supplica, mandou-a remetter, pelo camarista de semana marquês de Valença, a Pina Manique, e prometeu fallar a este ultimo, na immediata quarta feira. O intendente adoeceu no entretanto, e ficou assim demorada a concessão pedida, o que causou «grave prejuizo» ao emprehendedor.

Tendo Paula feito um novo requerimento, foi este logo enviado a Manique, o qual o informou favoravelmente, não julgando que houvesse inconveniencia «em dar licença para continuarem as duas mulheres a entrar nas representações com que se tinha fechado o theatro no carnaval proximo preterito.»

Tem-se pois averiguado que na epocha decorrida desde a paschoa de 1799 até ao dia de entrudo de 1800 — eram estes os limites de duração das epochas theatraes n'aquelle tempo — já não vigorava completamente a absurda determinação do governo de D. Maria I, que prohibia ás mulheres a carreira dramatica, e que prejudicava gravemente as empresas theatraes.

Sei tambem que Antonio José de Paula morreu antes da paschoa de 1804, visto que n'esta data estava a empresa da Rua dos Condes nas mãos de um certo Manuel Baptista de Paula, que se intitulava herdeiro d'aquelle, e que teve grandes contestações com os actores do Salitre, como adjante se verá.

É possível que o sr. T. Braga trocasse, por inadvertencia, os nomes dos dois theatros nacionais que existiam aquelle tempo em Lisboa. Se assim foi, não sei de documentos que contradigam os factos relatados pelo illustre professor.

(Continúa).

Maximiliano d'Azevedo.

ERRATA

Na segunda linha do 3.º paragraho do theatro da Rua dos Condes, publicado no n.º 136, deve lêr-se: para umas tantas recitas, sociáveis entre uma e 154, etc.»

SUCCESSOS DO EGYPTO

VIII

O sultão antes de adherir á conferencia proposta pela Inglaterra e França, julgara conveniente mandar ao Egypto um enviado. Este foi o muchir Dervish-pachá.

Começou este as suas negociações, mais como

velho militar que era, do que como politico. Respondia breve e com poucas evasivas aos diversos funcionarios. As representações que recebia eram em geral postas de parte; aos ulemas que usaram dizer-lhe que se a Europa não havia ainda annexado o Egypto se devia isso a Arabi-pachá, e que era preciso que os navios francezes e inglezes se retirassem antes que se resolvessem as questões pendentes, respondeu que tinha vindo para os fazer obedecer ás ordens do sultão, e não para receber conselhos.

Em uma conferencia com os consules mostrou-se muito satisfeito, e estes trouxeram a impressão de que a sua missão daria bom resultado.

Em quanto isto se passava no Cairo, onde estava o governo Khediva, ia desencadear-se a tempestade em Alexandria.

As insurreições militares tinham conduzido o paiz á anarchia. Uma centelha excitou o incendio.

Sob uma apparente tranquillidade rugia o ranor dos indigenas para com os europeus.

Era a 11 de junho do corrente anno. Algumas questões se haviam passado entre maltezes e egypcios em varias partes; na rua das Irmãs porém o tumulto tomou as proporções d'uma carnificina.

A rua das Irmãs toma o nome d'um magnifico convento que ali ha, sendo em geral o resto das casas que a compõem de pouca importancia e habitadas por gente ordinaria. Esta rua é perpendicular á praça dos consules, onde desemboca, ficando mesmo fronteira ao palacio do consulado francez, vid. pag. 180 do presente volume.

Entre um egypcio ou arabe e um europeu travou-se questão, fosse pelo que fosse, que ainda não vimos bem explicado. Da questão vieram a vias de facto, e o europeu agredido cravou um punhal ou uma faca no peito do arabe. Um grito d'alarme soou por toda a rua, e os indigenas levantaram-se em massa e caíram sobre os europeus. Estes aterrados, com o imprevisdo do ataque correram a abrigar-se nas casas e até nos palacios consulares, e especialmente no consulado francez, que a fuga pela rua das Irmãs lhe apresentava mais prompto.

Os arabes, armados de espadas, machados, espingardas, atacaram os europeus de todo o modo; estes refugiados nas casas faziam seteiras, das frestas e postigos e defendiam-se a tiro. As portas eram arrombadas; os arabes furiosos penetrando no interior despedaçavam o que encontravam, e ou assassinavam os habitantes, ou os precipitavam das janellas abaixo; alguns d'estes julgando achar salvação lançando-se para a rua, eram sacrificados aos golpes dos arabes, que discorriam sedentos, furiosos, loucos de desespero.

Velhos, moços, mulheres e creanças, nada poupou a furia dos amotinados; das proprias estações de policia, diz-se, foram fornecidos cacetes aos sediciosos, que estavam desarmados, para poderem saciar a sua sede de sangue. Os odios excitados de algum tempo, pelos agentes e partidarios da insurreição militar, achavam agora protecção e incitamento nas auctoridades policiaes.

Deante do consulado francez o tumulto cresceu de ponto, e esteve quasi tomando o caracter de um ataque em fórma; o consul inglez que se apresentou na rua procurando acalmar os amotinadores, e salvar os miseros europeus foi agredido e ficou bastante maltratado, victima da sua dedicação, e o mesmo succedeu a alguns officiaes inglezes que por acaso se achavam em terra, ao consul italiano e outros.

Nada pôde desculpar o procedimento das auctoridades, que durante cinco horas foram testemunhas impassiveis de semelhante attentado, sem tomarem uma providencia, sem dirigirem um conselho, sem empregarem o minimo expediente para que o populacho desenfreado moderasse os seus desvarios. Ao fim de cinco horas, quando naturalmente os braços iam cançando, os animos fraqueando e já não appareciam europeus que maltratar, foi que a tropa sahiu á rua a tomar as suas providencias, depois das reclamações e exortações dos consules, e ordem do governo. A policia, segundo todas as informações, havia tomado parte nos tumultos.

As primeiras noticias davam pormenores menos consideraveis, mas segundo averiguações posteriores, o numero de mortos e feridos ascendeu proximo a 500, sendo o maior numero mulheres e creanças.

Participado o caso para o Cairo, partiu na madrugada seguinte o Khediva, o governo e Dervish-pachá para Alexandria. Ahí em vista da reclamação dos consules e dos commandantes dos navios estrangeiros ancorados no porto, começaram a tomar-se, parece que de má vontade, as providencias que o caso exigia.

Foram presos 279 indigenas, implicados nos motins, guardados de principio a bordo de um transporte de guerra egypcio. Nomeou-se uma comissão mixta de inquerito, de que faziam parte doze europeus de diversas nacionalidades, esta comissão depois de ter ouvido os presos e as testemunhas que julgou conveniente, declarou não poder continuar a proceder emquanto não fossem presos os promotores das desordens, querendo assim talvez significar que os principaes culpados eram Arabi, e com toda a certeza Tulba-bey, que como prefeito da policia, fornecera paus aos amotinados, como dissemos.

Vendo que não obtinham o seu resultado retiraram-se os commissarios europeus do tribunal, deferindo o conhecimento dos factos aos seus respectivos ministros em Constantinopla para se dirigirem ao governo do sultão.

Não deve esquecer que no dia 2 ou 3 do mez d'outubro, Arabi-pachá fizera imprimir uma carta dirigida ao ministro dos negocios estrangeiros, em que elle se compromettia a manter a ordem, tornando-se responsavel pela tranquillidade publica, e pela segurança dos habitantes do paiz, fosse qual fosse a sua nacionalidade e religião.

Igual declaração fez depois dos acontecimentos do dia 11, mas os europeus, antes, e muito mais depois d'esse dia, entraram a abandonar o Egypto, sendo recebidos pelos navios das esquadras e escoltados até aos caes por forças indigenas.

(Continúa)

R

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

(Continuado do n.º 134)

Segue-se a este tunnel, o viaducto do Milijoso, lançado sobre um corrego profundo, de encostas elevadas, como são em geral todos os valleiros d'aquella montuosa região. Como todos os demais é este viaducto de taboleiro metalico. O seu comprimento total é de 126^m dividido em tres tramos, dois de 38^m,50 e um de 49^m. A sua altura maxima é de 40^m,90 sendo a media de 24^m,20. Importou esta obra, que seria de bastante importancia n'uma estrada ordinaria, mas que alli se considera regular, em 49:700\$000 rs.

Em seguida a este apresenta-se o viaducto de Trezoi. Distta do antecedente proximo a um kilometro, o que dá bem idéa do accidentado do terreno. Está lançado sobre um lindo valle, n'uma das mais pittorescas situações de toda a linha. É de taboleiro metalico, como todos os mais, e mede em toda a sua extensão 161 metros. A sua altura maxima é de 35^m,37 acima do fundo do valle, e a media de 25^m,70. Sendo proximo a igual ao de Milijoso, foi o seu custo porém de 62:400\$000 réis, provindo a differença a mais da maior espessura e mais solida construção dos encontros e até dos pilares, o que foi determinado pelas circumstancias do terreno.

Faz um effeito algum tanto phantastico a passagem d'este viaducto, quando ao atravessal-o com a rapidez do vapor, se divisam as casas da aldeia de Trezoi, alvejarem abaixo da nossa vista a vinte metros e os habitantes erguerem os olhos até nós, como se estivessem a observar alguma apparição sobrenatural, ou algum phenomeno sideral.

Passada esta ponte entra-se no tunnel que toma o nome da mesma aldeia de Trezoi. São tão consideraveis as obras d'arte da linha que se falla do tunnel, como de uma coisa corrente. Efectivamente é em linha recta atravessando a montanha na extensão de 510 metros, mas muda de inclinação quasi a meio d'esta extensão. Até ahí tem subido o caminho em rampa quasi sempre desde a Pampilhosa; d'este tunnel começa a descer até Mortagua.

Corre o tunel de leste a oeste. Tendo começado primeiro o trabalho por este lado a 4 de abril e pelo outro a 5 de maio de 1879, achava-se concluido em fins de agosto de 1881.

Segue-se o do Azeval de 190^m de extensão tambem em linha recta; a este o de Espinho de 160^m e em curva, logo o pequeno tunnel da Ribeira de 83^m em recta, e finalmente o de Monte de Lobos.

Tem este 332^m, de comprimento e é tambem em linha recta. O terreno que esta obra teve que atravessar é formado de schisto muito desagregavel, o que tornou muito penoso o andamento dos trabalhos, tendo havido grande necessidade de proceder a muitos escoramentos quasi de metro a metro, para evitar o desabamento das terras. Não obstante esta contrariedade e outras que sempre surgem durante o curso d'estas obras, tendo sido começado a atacar pelo lado de oeste a 28 de março e pelo lado de leste a 21 de junho de 1879, estava toda a pequena galeria aberta

em outubro d'esse anno, e a obra concluída no fim de agosto de 1881.

A quantidade de obras que apresenta esta secção da linha, a rapida descripção que d'ellas acabamos de fazer, o seu custo e o tempo em que foram executadas, mostra a sollicitude da companhia, dos seus funcionarios e empreiteiros, que todos não pouparam esforços, cuidados e actividade, para em tão pouco tempo se achar concluída uma linha construída em paiz tão accidentado.

Acabada esta serie de obras, descança-se na estação de Mortagua. Não ha mister descrever-se, porque é uma estação de 4.^a classe, construída de alvenaria de tijollo.

Saindo da estação de Mortagua, a linha, que até ali foi em declive, atravessa em rampa, no kilometro 73, o rio de Mortagua por uma ponte metallica de um só tramo de 41^m.

Continúa então a subir até á grande trincheira de Vallongo, uma das escavações mais consideráveis de toda a linha. O volume do terreno extrahido d'esta trincheira foi de 130:224 metros cubicos, custando o trabalho a importante verba de 27:086\$560 réis.

J. B.

(Continúa.)

JOÃO BAPTISTA SCHIAPA D'AZEVEDO

V

Como dissemos foi em 1845 que João Baptista foi admittido no ministerio da fazenda, antiga repartição do thesouro, como amanuense. Começou logo dando provas da sua muita intelligencia e aptidão, sendo por vezes encarregado de trabalhos importantes.

Em 1850 foi promovido a terceiro official.

Durante este tempo ia elle proseguindo os seus estudos na escola polytechnica de Lisboa, com o aproveitamento proprio do seu talento, ao principio sem o intuito de seguir o curso de engenharia, mas talvez o do magisterio.

Terminado o curso d'esta escola resolveu-se a continuar o de engenheiros na escola do exercito. Houve sérios embaraços na repartição, para lhe concederem a licença. Dizia-se, e não sem certa plausibilidade, que se comprehendia bem quanto util era á repartição um empregado habilitado com o curso de mathematica, mas que o de engenharia não podia ter applicação immediata ás operações do thesouro. Comtudo depois de muita sensaboria, foi concedida a licença, não nos lembra porque ministro, que disse, que o homem que desejava instruir-se sempre havia de ser util á nação, se não fosse n'um serviço, seria em outro. Parece-nos que este ministro foi o sr. Fontes Pereira de Mello.

Já dissemos que concluíra o curso de engenharia na escola do exercito, frequentando ainda a cadeira de montanistica e docimasia, recentemente creada na escola polytechnica de Lisboa, da qual foi um dos poucos discipulos.

Em 1855 foi admittido no ministerio das obras publicas.

Nos ultimos annos do curso, tendo tratado relações de estreita amizade com o nosso amigo engenheiro-geologo Nery Delgado, e por seu intermedio com o sabio professor sr. dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, e com o digno chefe da secção geologica o sr. Carlos Ribeiro, foi Delgado quem influíu no animo de João Schiappa, para que, em vez de se dedicar ás obras publicas, se entregasse ao ramo de minas, que tinha então poucos cultores, mas que promettia largo futuro.

Effectivamente, pedindo para entrar n'essa especialidade, foi logo adjuncto ao sr. Carlos Ribeiro, com quem partiu a primeira vez, em 1855, de Lisboa afim de visitar algumas minas do Alemtejo. Encontrámo-nos então em Santarem, onde eu servia na commissão do caminho de ferro d'essa, então villa, á fronteira de Hespanha.

Voltado d'esta primeira excursão, resolveu-se logo a seguir esse ramo importante da engenharia. Poderia dar alguns promenores d'essa sua volta, mas não quero cansar os leitores.

Continuou nos trabalhos da sua nova repartição e em agosto de 1856, encontrava-me em Albergaria Velha, quando eu servia na direcção especial da estrada de Coimbra ao Porto, indo com o sr. Carlos Ribeiro visitar as minas do Braçal, Carvalhal e Palhal, em activa exploração, e as recentemente descobertas e em pesquisas da Pena, Nogueira do Cravo, e moinho do Pintor, todas no districto de Aveiro e concelho de Albergaria Velha e Oliveira de Azemeis.

Continuando no serviço do ministerio, foi nomeado inspector de minas, tendo por tanto de montar o serviço do lançamento do imposto so-

bre o rendimento das minas, serviço quasi novo, que era até ali feito de uma maneira que nenhuma confiança inspirava, e que ao principio algumas contestações moveu, pelo deshabito em que os administradores ou proprietarios se achavam quanto a execução da lei de 1852.

Falámos por experiencia propria, por que tambem como auctoridade administrativa tivemos de intervir no assumpto e observámos a diligencia e cuidado que o nosso amigo Neves Cabral empregou n'elle.

Em 1859 ou 1860, foi encarregado de uma missão scientifica na Hespanha, para estudar a mineração do ferro, afim de ver o que se poderia applicar a Portugal.

Vi os largos apontamentos, as profundas observações, que o nosso engenheiro havia accumulado n'um importante relatorio, vasto como o assumpto pedia, que não sei se chegou a ser apresentado, pois que me asseveraram, e não sei porque nunca lho perguntei depois, que havia perdido parte d'elle, n'uma excursão ao Minho.

E aqui é preciso fazer uma explicação para os que não conheciam de perto João Schiappa. Era elle immensamente distraído, isto é, tinha este, que não é, defeito, que é um effeito de certas naturezas, de se distrahir de um assumpto no meio do que se está tratando, de se esquecer da gravata em casa, do chapéu n'uma bibliotheca, de deixar o lenço em cima da mesa e guardar o guardanapo no bolso, de limpar a pedra com o lenço e a testa com a esponja, de largar insensivelmente um objecto de vestuario, um livro, um papel em qualquer parte e não se lembrar mais de tal; de sahir para a rua com uma bota e um sapato, e dar uma ordem e logo teimar que a não deu, etc. em summa de fazer estas e outras coisas uma, cem vezes, desde pequeno até velho. Schiappa tinha esta infelicidade, que não raras zangas e apoquentações lhe causava.

Lamentava-se-me elle, ainda alguns mezes antes de falecer, de não ter agradecido uns livros que tinha recebido havia mais de um anno e de não ter ainda respondido a uma carta de um sabio estrangeiro, que me havia mostrado seis ou oito mezes antes. Isto não era falta de delicadeza, nem proposito, era simplesmente o fatal esquecimento, a distracção.

Foi por um d'estes seus diarios descuidos que o Relatorio, julgo se perderia, como se perderam uns documentos de um homem, que varias vezes o mandou importunar por isso, e que uma vez levei horas, com elle a procurar, e não podemos encontrar.

Lamentava elle este seu defeito invencivel, assim como o de se não poder levantar cedo. E a este ultimo respeito podia eu contar casos notaveis. Mas coisa extraordinaria, andando em serviço de campo pelas provincias, em reconhecimentos, pesquisas, estudos, era elle o madrugador, o que apparecia primeiro, envergonhando até aquelles, que se levantavam cedo por habito.

Quando se estabeleceram as inspecções permanentes dos districtos mineiros, foi nomeado para o 1.^o districto, o do norte, fixando então a sua residencia no Porto.

Foram muitos os serviços prestados por elle no norte do paiz em virtude d'este cargo, e com quanto tivesse um pequeno desgosto, na sua carreira, durante esse exercicio, é certo que o seu nome começou então a levantar-se, e a adquirir a importancia a que tinha direito pelas suas grandes qualidades de cidadão independente, e de empregado intelligentissimo e integro.

Fez parte da Commissão e do jury da Exposição Universal do Porto em 1865 a 66, tendo tido occasião por isso de travar conhecimento com algumas capacidades importantes da Europa, que avaliaram, como não podiam deixar de fazer, o seu grande merecimento.

(Continúa)

Brito Rebello.

EPHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1859. — Novembro 1. — Inauguração da universidade de Evora.

Foi creada em 20 de setembro de 1558.

1755. — 1. — Desmoronamento do grande *Theatro Real* edificado pela poderosa iniciativa d'el-rei D. José.

A *Opera do Tejo* era um dos mais sumptuosos theatros lyricos que então havia na Europa. Estava situado junto aos Paços da Ribeira. N'elle representaram Caffarelli, Gaziello, Raaff e outros cantores dos mais notaveis d'esse tempo. A abertura, inaugural d'este famoso theatro havia tido lugar em 31 de março do referido anno.

1549. — 2. — O compositor Balthazar Telles, é

nomeado lente da cadeira de musica da universidade de Coimbra.

1853. — 3. — Inauguração do instituto agricola e escola regional de Lisboa.

1641. — 4. — O poeta Manuel de Galhegos, obtem o privilegio da publicação de Gazetas.

Poucos dias depois começou a publicar-se em Lisboa a Gazeta, em que se dá noticias da corte e diversos factos.

1803. — 4. — Abertura da *Academia Real de Marinha e Commercio do Porto*, creada por alvará de 9 de fevereiro d'esse anno (e não 9 de janeiro, como erradamente diz Casado Gerales no seu mappa estatístico).

A inspecção d'este estabelecimento scientifico foi dado á Junta da Administração da Companhia Geral de Agricultura dos Vinhos do Alto Douro. Tinha dois cursos de pilotagem e commercio.

Em 13 de janeiro de 1837 foi refundida na *Academia Polytechnica do Porto*.

1880. — 5. — O distincto concertista mr. Camillo Saint-Saens dá no real theatro de S. Carlos o seu primeiro concerto.

1875. — 6. — Inauguração do *Theatro dos Recreios Whithoyne*, sito no largo do Passeio Publico.

A inauguração do jardim, havia sido no dia 30 de outubro do mesmo anno.

1840. — 6. — É decretada a fundação de um theatro nacional; sendo lançados os fundamentos para elle em 7 de julho de 1842.

1875. — 7. — Reabertura da antiga praça do Salitre, reedificada por Thomaz Price, que lhe deu o nome de *Novo Circo de Price*.

1821. — 8. — São desligados do ministerio dos negocios da marinha, os negocios do ultramar, que ficaram aggregados a cada uma das secretarias d'estado a que immediatamente pertenciam.

Este decreto foi derogado pela lei de 3 de outubro de 1823, que reconstruiu o ministerio da marinha, reorganizado em 6 de setembro de 1859, 29 de dezembro de 1868 e 1 de dezembro de 1869.

1868. — 9. — É inaugurado, ás 9 horas da noite, o busto do visconde d'Almeida Garrett, no salão do theatro de D. Maria 11.

A commissão que se encarregou de erigir este monumento era composta dos srs. Francisco Palha, Sousa Telles, Guilherme Cossoul, Eduardo Coelho, Pereira Rodrigues, e actores Tasso e Tabora.

O actor Anastacio Rosa foi o auctor d'este busto. 1772. — 10. — O marquez de Pombal estabelece para applicação ás despesas da instrução publica, um tributo, ou imposto, sobre os vinhos, chamado *subsídio litterario*.

Consistia em um real por canada de vinho, 4 réis por canada de aguardente e 160 réis por pipa de vinagre. Este imposto foi abolido no continente pela lei de 15 de abril de 1857.

1772. — 10. — É creada a faculdade de mathematica na Universidade de Coimbra, sendo abolido a cadeira d'esta sciencia no Collegio dos Nobres.

1806. — 10. — Morre da idade de 87 annos o 2.^o duque de Lafões e 4.^o marquez de Arronches D. João Carlos de Bragança, fundador da Academia Real das Sciencias. Havia nascido em 6 de março de 1719.

1849. — 10. — Debuta da actriz Emilia Letroublon no theatro do Gymnasio. Foi discipula do ensaiador Romão.

ERRATA AO N.º 138

Pag. 240, col. 1.^a, lin. 31, onde se lê «1882», leia-se «1875». Item, col. 3.^a, lin. 47, onde se lê *geologo dinamarquez*, leia-se *geologo dinamarquez Steno*.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos: TROVAS, SONETOS E CONSONETOS por Bendac, Rio de Janeiro, Typ. de Augusto dos Santos —

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Mais vale pouco que nada.

Rua da Carioca, n.º 31 — 1882. — 8.º de 138 paginas. É mais um volume de versos, como tantos outros que temos visto, em que, a par de uma ou outra poesia em que aparece algum lampejo de inspiração, se encontram geralmente outros um tanto extravagantes. Não nos levamos por este mau gosto de poetar, em que o desleixo da forma muitas vezes acompanha uns brinquedos sem grande espirito. O auctor parece ter instrução e não ser falto de espontaneidade, mas desejavamos mais sobriedade, animo e bom senso para refugar coisas que dão á sua colleção o aspecto de mediocridade, que certamente prejudica o merecimento do auctor, cujo nome não sabemos verdadeiramente se é o seu, ou algum pseudonymo.

RELATORIO DA COMMISSÃO FLEITA PELA DIRECCÃO (da Associação Commercial de Lisboa) em sessão de 8 de agosto de 1882, para estudar e reclamar ácerca de algumas disposições do Decreto de 6 de julho ultimo, Lisboa 1882. N'este relatorio expõe a illustre commissão como desempenhou o encargo que lhe foi commettido, insistindo na sua opinião de que o decreto que estudava e contra cujas disposições reclamava devia ser suspenso. Não podemos analysar uma a uma as reclamações da Commisão, que devem em geral ser sensatas, mas parece-nos de justiça dizer que tendo apenas levantado objecções sobre alguns §§ de 19 artigos, dos 94 de que se compõe o Decreto, muitos d'elles, constando de grande numero de §§, não havia motivo para a suspensão, mas sim para modificações e reduções, como conseguiu obter em beneficio do commercio que representava. Pelas informações que temos, parece-nos que precisam ainda ser alteradas e reformadas muitas disposições do Decreto.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL, n.º 9 de 1882. Recebemos pela primeira vez a visita d'esta illustrada publicação, que soubemos vae no seu XII volume, ou anno de existencia. Temos visto este excellente periodico, redigido pelos officiaes da nossa marinha de guerra, aos quaes faz muita honra, de que nos temos aproveitado por vezes, e que trata os assumptos proprios da profissão ou a ella relativos com a proficiencia de homens praticos e estudiosos. Não é só aos maritimos a

quem póde interessar a leitura das materias alli tratadas, pois muitas vezes abrangem o interesse geral. Como n'este n.º 9, onde vemos mencionado um assumpto a que já nos referimos em outro artigo, que é o folheto espanhol *Las llaves del estrecho*, que prende de alguma maneira com o futuro da península, que passou desapercibido quasi á nossa imprensa periodica, mas que não

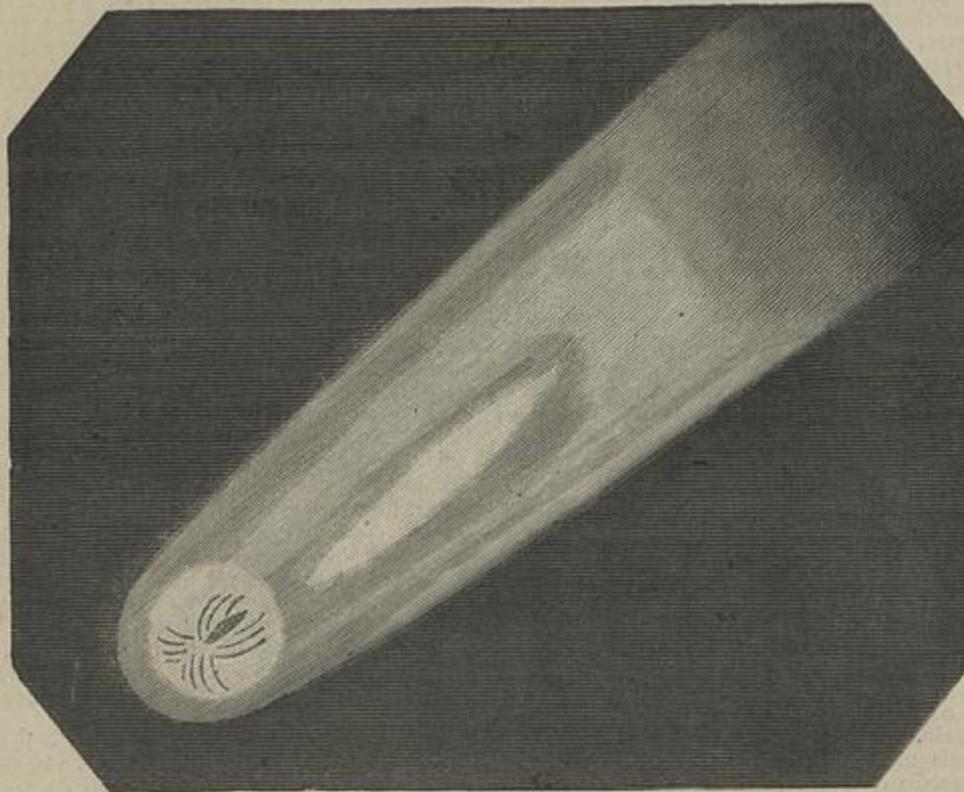
filial no Brazil: 40, rua da Quitanda, Rio de Janeiro. — Este oppusculo apresenta-se logo como destinado a vulgarisar as mais modernas noções sobre grammatica, que Brachet reduziu a compendio em França, que o sr. Theophilo Braga, com alguma precipitação aproveitou para a sua *Grammatica Portugueza*, que foi seguido pelo sr. Epiphanio na sua um tanto confusa grammatica, e a que o sr. Adolpho Coelho, com a proficiencia e estudo aturado, tem dado toda a regularidade, no seu começado trabalho—*A lingua portugueza*. Seguindo os principios mais scientificamente rigorosos hoje, este livrinho vem prestar um grande serviço, não obstante conservar, em desharmonia com o plano seguido, a designação das letras vogaes e consoantes, o que está já fóra dos principios rigorosamente scientificos.

RELATORIO DA DIRECTORIA DO GABINETE PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO, em 1881 Rio de Janeiro, Typ. e Lyth. Moreira Maximino & C.ª rua da Quitanda 111, 1882. 8.º grande de 36 paginas, com 15 annexos importantes, e o parecer da commissão de exame de contas constando de 14 paginas. Mostra-se por este relatorio que o activo e passivo d'aquelle importantissimo estabelecimento era em 31 de dezembro de 1881 de 388:156\$541 réis (fracos), que a receita ordinaria durante o mesmo anno foi de réis 14:910\$900, e a despeza de 14:770\$070 réis, havendo de saldo para o cofre 140\$830 réis. Ha além d'isso réis 270:062\$190, de receita especial para a compra de terreno e construcção do novo edificio na rua Luiz de Camões, de que já demos o prospecto a pag. 57 do 4.º vol., feito por

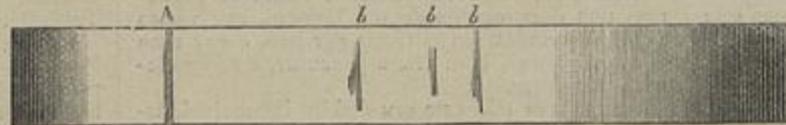
subscrição dos accionistas, entre os quaes ha subscriptores desde 50\$000 réis até 6:000\$000 réis, e no qual já se tem dispendido 124:490\$106 réis. D'este rapido esboço se vê quanto tem sido habil, intelligente e dedicada a gerencia d'aquelle estabelecimento, que tantos serviços tem prestado, e como é prospero o seu estado.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



ASPECTO DO NOVO COMETA OBSERVADO AO TELESCOPIO



ESPECTRO DO NOVO COMETA

A Linha amarellada. — b b b Linhas diffusas de carbonio

escapou á illustrada capacidade do sr. Neves Ferreira que transcreve a descripção de Gibraltar, afim de concitar sobre elle a attenção publica. Encerra outros artigos como *Signaes de noite*, outro sobre *Os torpedos e o tirocinio dos officiaes* pelo sr. J. M. da Silva. O publico deve animar esta publicação util e interessante.

BIBLIOTHÈCA DO POVO E DAS ESCOLAS, grammatica portugueza, redigida ante o programma official dos exames d'instrucção primaria nos lyceus nacionaes, segundo anno, quinta serie, 1882 — David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas, administração: rua da Atalaya, 52, Lisboa;

AVISO

Tendo-se esgotado uma grande parte dos numeros do OCCIDENTE relativos ao primeiro, segundo e terceiro volumes d'esta publicação, procedeu-se á reimpressão dos mesmos, o que augmentou consideravelmente o custo d'estes volumes, e por isso a Empreza previne os seus correspondentes e o publico em geral, de que a partir do primeiro de janeiro de 1883, os preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes regulam pela tabella seguinte:

Preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes do OCCIDENTE

Brochados, cada um 3\$000
Encadernados, cada um 4\$000

Para o estrangeiro enviados pelo correio accresce 1\$000 sobre os preços marcados.

Numeros avulsos relativos a estes volumes ou sejam os n.ºs 1 a 72, cada um 160 réis.

Para as pessoas que desejarem adquirir estes volumes por séries de 12 numeros seguidos, 1\$500 e por séries de seis numeros seguidos 750 réis.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Profusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

Está publicado este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

Este almanach publica um enigma com nove premios ás pessoas que o advinharem.

A grande extracção que este almanach obteve no primeiro anno, permittio o fazer-se uma maior tiragem n'este anno, podendo assim a empreza vendel-o ao

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encomendas.